

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO/CAMPUS VII, CODÓ-MA.
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/HISTÓRIA

VALDIANE DA CRUZ OLIVEIRA

**EXTRATIVISMO DO BABAÇU: trabalho, renda e inclusão social para as
mulheres quebradeiras de coco babaçu, em Codó-MA.**

VALDIANE DA CRUZ OLIVEIRA

**EXTRATIVISMO DO BABAÇU: trabalho, renda e inclusão social para as
mulheres quebradeiras de coco babaçu, em Codó-MA.**

Monografia apresentada como requisito
para obtenção do título de graduada no
curso de Licenciatura em Ciências
Humanas/Historia na Universidade Federal
do Maranhão – Campus VII Codó

Orientadora: Prof. Dra. Jascira da Silva
Lima

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Oliveira, Valdiane da Cruz.

EXTRATIVISMO DO BABAÇU: trabalho, renda e inclusão social para as mulheres quebradeira de coco babaçu, em Codó-MA / Valdiane da Cruz Oliveira. - 2019.

59 p.

Orientador(a): Jascira da Silva Lima.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas - História, Universidade Federal do Maranhão, São Luis, 2019.

1. Extrativismo do Babaçu. 2. MIQCB. 3. Modos de subsistência. I. Lima, Jascira da Silva. II. Título.

VALDIANE DA CRUZ OLIVEIRA

**EXTRATIVISMO DO BABAÇU: trabalho, renda e inclusão social para as
mulheres quebradeiras de coco babaçu, em Codó-MA.**

Monografia apresentada como requisito
para obtenção do título de graduada no
curso de Licenciatura em Ciências
Humanas/Historia na Universidade Federal
do Maranhão – Campus VII Codó

Orientadora: Prof. Dra. Jascira da Silva
Lima

Aprovada em: ____/____/____.

Prof^a. Dr^a. Jascira da Silva Lima
(Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Martina Ahlert
(1^o Examinadora)

Prof^a. Ma. Ana Carolina Magalhães Mendes
(2^o Examinadora)

Codó – MA
2019

Dedico à minha família.

A minha mãe Gessy da Cruz Oliveira, ao meu pai Euripes Alves de Oliveira, ao meu esposo Estefânio Monteiro Silva, aos meus filhos Narah Rebeca Oliveira Silva e Nicolas Asafe Oliveira Silva.

AGRADECIMENTOS

Ao Meu Deus por ter me ajudado chegar até aqui, pois sem a sua graça não teria alcançado a realização deste sonho, sou eternamente grata por ter guiado os meus passos durante toda a cansativa jornada da graduação.

A minha família que me incentivou e acreditou na concretização deste sonho, meu esposo que sempre transmitiu força e coragem para me continuar com meus estudos e com a realização deste estudo.

A Universidade Federal do Maranhão/ Campus VII, que durante este período do curso me proporcionou uma bolsa (bolsa permanência) onde a minha responsabilidade era de desenvolver as atividades de xerox e impressão na Universidade, fazer parte deste grupo de bolsista foi de grande relevância para minha formação acadêmica. Aos meus professores que contribuíram muito para minha formação durante este período na Universidade, em especial a minha orientadora Dra. Jascira da Silva Lima que esteve à disposição e sempre nos deu uma palavra encorajada quando achávamos que não iria conseguir.

Agradeço aos meus colegas de sala que convivemos juntos 4 anos de curso onde ocorreu troca de experiências e aos meus amigos do grupo de Seminários Raimundo Assis, Domingas, Cidislene, Ivanice, Regiane e Leiciane que passando pelas mesmas dificuldades nos servia de apoio momentos de dificuldades e de desânimo.

A minha gratidão vai também as mulheres extrativistas que me receberam com muito carinho, em especial as Senhoras Aurea Maria, Maria Lopes, Lindalva e Francidalva que contribuiu muito para a concretização deste estudo de campo, através das entrevistas, falando das experiências de vida e da atividade do extrativismo com o coco babaçu, onde eu pude perceber a força e a coragem que estas mulheres tem para enfrentar as lutas do dia.

“Ei não derrube essas palmeiras”

Ei não derrube essas palmeiras
Ei não devore os palmeirais
Você já sabe que não pode derrubar
Precisamos preservar as riquezas naturais
Você já sabe não pode derrubar
Precisamos preservar as riquezas naturais

O coco é para nós grande riqueza,
E obra da natureza ninguém vai dizer que
não
Por que da palha se faz casa pra morar
Já meio de ajuda a maior população (...)

(Interpretada por as Encantadeiras, 2012).

RESUMO

Este estudo tem como objetivo fazer uma análise e compreender como as extrativistas conseguem sobreviver através da extração dos produtos do babaçu. O trabalho de campo foi feito a partir das experiências vividas por mulheres da cidade de Codó, especificamente do bairro Codó Novo, da Associação das Quebradeiras de Coco Babaçu. Destaco ainda a importância econômica do babaçu para a subsistência e inclusão social destas mulheres que se organizam no MIQCB, movimento que tem exercido um trabalho de luta constante no Maranhão para que estas tenham o direito do livre acesso aos babaçuais. Para levantamento das informações foram feitas entrevistas e observações junto a esse grupo de mulheres. As mesmas foram analisadas a luz de BARBIRI, (2004); BARBOSA (2013); NASCIMENTO (2004); MESQUITA, (2008); SABBATO, (2009).

Palavra- Chave: Extrativistas do Babaçu. Modos de subsistência. MIQCB.

ABSTRACT

This study is intended as a goal to analyze and comprehend extractivists can survive through the extraction of babassu products. The field work was made from experience lived by women of the city of Codó, specifically from Neighborhood Codó New, from Association of the Breakers of coconuts Babassu. I also emphasize the economic importance of the babassu for social subsistence and inclusion of these women who are organized in MIQCB, a movement that has exercised a constant lute work, not Maranhão for these have the right of free access to the babassu. To raise the information were made interviews and observations with this group of women. They were analyzed in light of BARBIRI, (2004); BARBOSA (2013); NASCIMENTO (2004); MESQUITA, (2008); SABBATO, (2009).

Key word: Extrativists of Babassu. Subsistence modes. MIQCB.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: 5º Festival do coco babaçu no povoado Monte Cristo.....	22
Figura 2: Projeto Agroindustrial do instituto IFMA.....	24
Figura 3: Áreas de Ocorrência Babaçuais.....	32
Figura 4: Palmeiras dos babaçuais (Orbignya Phalerata).....	34
Figura 5: (A) Sabão e sabonete; (B) óleo, sequilhos, mesocarpo e bijuterias; (C) azeite do coco babaçu, sabão e sabonete.....	42
Figura 6: (A e B) extrativista do babaçu torrando coco babaçu para fazer o azeite. 45	
Figura 7: Produtos artesanais feito de palha do coco babaçu.....	47

LISTA DE QUADRO

Quadro1: composição da renda/media das extrativistas do babaçu interlocutoras da pesquisa-----46

LISTA DE SIGLAS

- ACTBB** - Associação Comunitária dos Trabalhadores no Benefício do Babaçu
- ASSEMA** - Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão
- ASMUBIP** - Associação Regional de Mulheres Trabalhadoras Rurais do bico do Papagaio
- CIMQCB** - Cooperativa Interestadual das Mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu
- DFID** - Departamento Internacional de Fundos para o Desenvolvimento
- EPI** - Equipamentos de Proteção Individual
- IFMA** - INSTITUTO FEDERAL DO MARANHÃO
- MIQCB** - Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu
- MMC** - Movimento de Mulheres Camponesas
- MST** - Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra
- OIT** - Organização Internacional do Trabalho
- ONG** - Organização não Governamental
- SENAR** - Serviço Nacional de Aprendizagem Rural

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPITULO I	17
1. BREVE PANORAMA SOBRE O CONTEXTO DO EXTRATIVISMO DO BABAÇU, A LUTA E ORGANIZAÇÃO DAS QUEBRADEIRAS DE COCO NO MIQCB E CIMQCB	17
CAPÍTULO II	29
2. A PALMEIRA DO BABAÇU E AS DIFICULDADES ENFRENTADAS PELAS MULHERES QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU NA EXPLORAÇÃO DAS ATIVIDADES DO EXTRATIVISMO	29
2.1. A apropriação da cadeia produtiva do babaçu pelas mulheres.....	34
CAPITULO III	38
3. AS ATIVIDADES DO EXTRATIVISMO DO BABAÇU: trabalho, renda e preservação de um saber tradicional?	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERENCIAS	50
APÊNDICES	55
Apêndice A.....	56
Apêndice B.....	57,58

INTRODUÇÃO

O presente trabalho que tem como tema EXTRATIVISMO DO BABAÇU: trabalho, renda e inclusão social para as mulheres quebradeiras de coco babaçu, em Codó-MA, retrata o trabalho de luta das mulheres quebradeiras do coco babaçu no Maranhão com foco no município de Codó, mais especificamente no bairro Codó Novo. Este estudo tem como objetivo principal produzir novos conhecimentos sobre a atividade extrativista das mulheres quebradeiras de coco babaçu e entender a força de trabalho que estas “guerreiras” têm para ir à zona rural quebrar o coco; e também destacar as reivindicações por direitos de igualdade social e o livre acesso aos babaçuais, mostrando a sociedade que essas mulheres tem o mesmo direito dos homens dentro da sociedade na qual estão inseridas. Mulheres empoderadas que levam consigo uma história única, que como forma de resistência a combate as diversas dificuldades que se organizaram.

A relevância da pesquisa se deve a produção continuada na cadeia produtiva do babaçu é uma das mais representativas do extrativismo vegetal no Brasil, em razão da área de abrangência da palmeira babaçu (13 a 18 milhões de hectares em 279 municípios, situados em 11 Estados), bem como das inúmeras potencialidades e atividades econômicas que podem ser desenvolvidas a partir dos babaçuais, de sua importância para famílias que sobrevivem da agricultura de subsistência associada à sua exploração, e da forte mobilização social e política em favor do acesso livre aos babaçuais. (CARRAZZA; SILVA; ÁVILA, 2012, p.10).

Esta pesquisa monográfica foi desenvolvida na região Nordeste do Estado do Maranhão mais precisamente no município de Codó, bairro Codó Novo, objetivando buscar através das entrevistas, relatos e documentos, que identificam e as situações sociais, as práticas culturais e os aspectos socioeconômicos que envolvem as atividades das quebradeiras de coco babaçu neste município. O presente estudo tem o interesse em fazer uma análise a respeito do trabalho da mulher camponesa para a subsistência da sua casa e manter a sede da Associação das quebradeiras do coco babaçu, foi elaborado a partir do levantamento de pesquisas sobre o desenvolvimento da cadeia produtiva do babaçu.

De acordo o MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO, (2012), a cadeia produtiva do babaçu tem como base o extrativismo primário, com a coleta dos cocos logo após a queda dos frutos, realizada

em sua maioria por povos e comunidades tradicionais e pequenos agricultores familiares.

O custo de produtos alternativos também é um dos determinantes da oferta. Na ótica dos grandes proprietários, a manutenção das palmeiras de babaçu representa um custo de oportunidade em relação a outros usos da terra, como as pastagens e as lavouras permanentes e temporárias moldadas em sistemas produtivos mais tecnificados, dependentes de insumos e implementos agrícolas, que agridem a terra e comprometem a diversidade ambiental. A decisão pela manutenção das palmeiras de babaçu, ainda que consorciadas com pastagens e cultivos agrícolas, dependerá, de um lado, da conveniência produtiva e comercial com os parceiros, os arrendatários e as quebradeiras de coco e, do outro lado, das variáveis que fomentam a prática de atividades agrícolas não consorciadas com as palmeiras de babaçu. (GOUVEIA, 2015, p. 14)

O estudo também compreende o processo de extração do coco babaçu que é realizado na zona rural por quebradeiras do babaçu, que moram na cidade de Codó e assumem o papel de provedora da família durante a ausência de seus maridos, que normalmente migram para outros estados em busca de emprego.

Muitas vezes as palmeiras estão localizadas em terras privadas cercadas por arrame impossibilitando a entrada das quebradeiras do coco babaçu para a extração do coco. Portanto é importante o trabalho feminino e o empoderamento a partir do extrativismo do babaçu.

São mulheres da zona urbana que saem todos os dias bem cedo para a zona rural com a esperança de encontrar palmeiras que tenham coco babaçu para que possam extraí-los e conseqüentemente fazer a produção de vários alimentos e produtos das amêndoas do coco babaçu.

A exploração da palmeira de babaçu é através da extração da amêndoa de coco, considerado o seu principal elemento econômico. Essa atividade, além de gerar uma fonte de renda para a subsistência das famílias extrativistas, ao longo da história produtiva do Maranhão tem contribuído significativamente para a sua economia em decorrência da abundância da palmeira de babaçu (BARBIERI, 2004, p., 40).

Através desta pesquisa busquei entender o trabalho das mulheres quebradeiras do coco babaçu, vivenciar o trabalho, analisar as condições reais de sobrevivência na luta do trabalho rural. Mostrar às pessoas a importância que essas

mulheres têm, e a disposição demonstrada por elas, mesmo diante de um trabalho que requer muito esforço físico.

Segundo Boni; Quaresma (2005), o ponto de partida de uma investigação científica deve basear-se em um levantamento de dados. Para esse levantamento é necessário, num primeiro momento, que se faça uma pesquisa bibliográfica. Num segundo momento, o pesquisador deve realizar uma observação dos fatos ou fenômenos para que ele obtenha maiores informações e num terceiro momento, o pesquisador deve fazer contatos com pessoas que possam fornecer dados ou sugerir possíveis fontes de informações úteis. Neste sentido para adquirir informações sobre as mulheres agroextrativista do coco babaçu da cidade de Codó, bairro Codó Novo, através desta pesquisa foi necessário obter alguns dados que caracterizam a pesquisa qualitativa. A visita de campo foi de fundamental importância, pois através dela adquirimos conhecimento das atividades e presenciamos um pouco da rotina diária destas mulheres que desenvolvem estas atividades extrativistas com muito amor e dedicação e sempre pensando em seu lar, nos filhos e no trabalho doméstico. Foi feita uma investigação sobre a história da Associação, com as representantes das quebradeiras de coco babaçu dona Aurea Maria, que fala do trabalho das quebradeiras de coco babaçu. Foram feitos ainda registros fotográficos, pesquisas em revistas, documentos e artigos.

Esta pesquisa ocorreu durante o ano de 2017 a 2019, onde enfrentei algumas dificuldades chegando a ter uma pausa nesta pesquisa, mais como historiadora prossegui em frente, a escolha deste tema aconteceu a partir do momento em que passei a entender e a ver a luta constante destas mulheres indo todos os dias da zona rural com um cofo sobre os ombros, fiquei me perguntando por que elas fazem este trabalho, tem recompensa, é valorizada? A partir deste momento decide ir à busca de novas informações sobre as extrativistas e conversar com estas mulheres, entender este trabalho desenvolvido com tanto carinho por cada uma delas, tive também a oportunidade de participar de um festival das quebradeiras do coco babaçu no povoado Mote cristo no ano de 2018, onde pude conhecer mais uma atividade realizada por as extrativistas do município de Codó-MA, conhecendo vários produtos feitos por elas do babaçu, através desta pesquisa quero mostrar a sociedade o trabalho digno destas mulheres e que precisa ser valorizado e visto com bons olhos na comunidade.

Nesta perspectiva, apresento no primeiro capítulo um panorama geral sobre o ambiente da palmeira do coco babaçu, onde cito os estados Maranhão, Piauí, Tocantins e Pará, regiões onde existe a maior concentração de babaçu como as mulheres do babaçu enfrentam as dificuldades de ter acesso livre aos babaçuais. Conforme Nascimento (2004), Silva; Araújo (2004), Barros (2010), Ahlert (2016), Silva (2014) e Sabbato (2009). Isso acontece quando os proprietários querem desmatar as florestas para vender a madeira para as empresas a fim de trazer lucro para suas empresas.

No segundo capítulo venho com a proposta de explicar de modo geral a cadeia produtiva da exploração do extrativismo do babaçu em Codó-MA, e no subtópico enfatizo a apropriação da cadeia produtiva do babaçu pelas mulheres, onde a uma diversificação de produtos e subprodutos que são produzidas com aproveitamento total da palmeira do babaçu, desta forma essas atividades geram renda para as mulheres quebradeiras de coco babaçu, contextualizando ainda a cadeia produtiva da exploração do extrativismo do babaçu na cidade de Codó. Guiada pelos os autores usados neste capítulo, Lucena (2008), Barbosa (2013), Pereira (2015), Barbieri (2004), Gouveia (2015), Lima (2016), Saraiva; Oliveira; Filho; Lopes (2019) e Machado (2015).

Finalizo esta introdução destacando no terceiro capítulo as atividades do extrativismo do babaçu e como o babaçu gera renda para as mulheres quebradeiras do coco no município de Codó – MA, a quantidade de quilo de coco que elas conseguem quebrar por dia, onde, também, elas falam dos produtos feitos do coco babaçu e da palha da palmeira do babaçu. Procurei sempre ressaltar a importância do trabalho destas mulheres que não medem esforços para trabalhar na extração do babaçu. De acordo o estudo obtido ressalta os autores que foram de grande relevância, Barbieri (2004), Silva (2016).

De forma geral a escrita do trabalho apresenta um texto em que as informações vão sendo apresentadas na medida em que o desenvolvimento da escrita pede que sejam disponibilizadas, portanto as questões importantes sobre o tema não se encontram centrados em um capítulo específico, mas encontram-se diluídas no texto. À medida que vou dialogando com os autores apresento também elementos da realidade empírica que envolve o trabalho do extrativismo do babaçu. E que são importantes na compreensão geral do trabalho.

CAPITULO I

1. BREVE PANORAMA SOBRE O CONTEXTO DO EXTRATIVISMO DO BABAÇU, A LUTA E ORGANIZAÇÃO DAS QUEBRADEIRAS DE COCO NO MIQCB E CIMQCB.

Início este capítulo discorrendo de modo geral sobre as palmeiras do coco babaçu a sua localização em território brasileiro e destacando a região onde fica concentrada a maior quantidade de palmeiras, que existe no Norte Nordeste. Também ressalto o trabalho das mulheres extrativistas do coco babaçu na cidade de Codó Maranhão, com o objetivo de reforçar na minha pesquisa monográfica sobre a realidade sobre as extrativistas da cidade de Codó, no Maranhão, pois

O babaçu (*Orbignya Phalerata Martius*) escolheu o Maranhão para ficar suas raízes e distribuir sua influência nas áreas econômica, social e política. O Maranhão escolheu o babaçu como sua principal espécie vegetal: entretanto, a influência do Estado sobre a planta, não a fez diferente ao longo dos anos e, também dela não extraiu o máximo possível e viável (NASCIMENTO, 2004, p.02).

No Brasil podemos encontrar a extração de coco babaçu feita por mulheres que são quebradeiras de coco, ocorrendo na Região Nordeste principalmente nos estados Maranhão e Piauí, sendo que o Maranhão é o estado brasileiro com maior incidência de babaçuais, podem ser destacados ainda os estados do Tocantins e Pará na região Norte onde existem também babaçuais. Nestes estados as Quebradeiras de Coco Babaçu são representadas pelo MIQCB Movimento Interestadual das Quebradeiras do Coco Babaçu que luta em prol da organização social, político e econômico das mulheres.

De acordo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que a extração do babaçu envolve 300 mil pessoas nos Estados do Maranhão, Piauí, Tocantins, Pará, Goiás e Mato Grosso. Um dado geral divulgado pelo IBGE, em 2007, mostrou que naquele ano o babaçu rendeu R\$ 113 milhões, com uma produção de 114.874 toneladas. Estima-se que existam mais de 400 mil quebradeiras de coco, numa área de 18,5 milhões de hectares no Brasil (ABREU , 2010, pag.13).

O trabalho agroextrativista ficou marcado na vida de cada mulher quebradeira do coco babaçu e na sociedade, mulheres que eram desvalorizadas, mulheres pobre

da roça. No entanto o coco babaçu é a maior fonte de renda que as quebradeiras de coco podem ter, com a retirada do coco babaçu estas trabalhadoras produzem alimentos e artesanatos, a palmeira também serve para a construção de casa, e a palha da palmeira serve como teto, das casas da zona rural e até algumas casas na zona urbana que são cobertas de palhas da própria palmeira do coco babaçu, como ainda é possível ser comprovado na zona urbana da cidade de Codó.

Assim como os estados do Piauí, do Pará e do Tocantins, o Maranhão integra a chamada região dos babaçuais (18,5 milhões de hectares), sendo o maior produtor de babaçu, com 10,3 milhões de hectares. Em toda a região, cerca de 300 mil pessoas, denominadas quebradeiras de coco de babaçu, sobrevivem do extrativismo do fruto da palmeira considerada a “mãe”, pois dela tudo se aproveita: com as palhas, as mulheres preparam suas moradias e utensílios de trabalho; do coco, extraem a amêndoa que lhes dá o azeite comestível e o óleo industrial; o mesocarpo serve como um complemento alimentar; e o carvão produzido da casca do coco é utilizado nos fogões domésticos. Estudos indicam que cerca de 68 subprodutos podem ser extraídos dessa palmeira (SILVA, ARAÚJO, 2004, p.26).

O processo de extração do coco babaçu, é um dos produtos mais importante no ramo da economia local, e as palmeiras são de grande relevância na região do Nordeste principalmente no Estado do Maranhão, que é reconhecida por muitos, como região dos cocais. O coco babaçu é um dos produtos de maior riqueza produtiva nesta região, e com produção de comercialização nacional.

A amêndoa é extraída por pessoas empobrecidas a maioria delas são mulheres que saem de seu lar bem cedo, para a mata em busca do coco babaçu, para assim adquirir sua renda. Muitas vezes elas trocam o coco babaçu “*in natura*” por produtos e até mesmo pelo alimento. Algumas destas mulheres já estão aposentadas mais mesmo assim elas permanecem na quebra do coco simplesmente por gostar de trabalhar com a quebra do coco, e outras que ainda não são aposentadas, e sua renda é somente do coco babaçu.

A pobreza endêmica do Maranhão há muito presente nessa categoria de produtores extrativistas, é, de um lado, um produto da riqueza de uma minoria, que se manifesta na alta concentração de terra e da renda; de outro, da ausência de políticas públicas voltadas para a produção familiar e para o extrativismo, ou mesmo, de políticas econômicas neoliberais contrárias aos interesses desses segmentos de pequenos produtores. (MESQUITA, 2008, p.58)

No ano de 1991 foi criado o MIQCB (Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu), grupo liderado por mulheres quebradeiras do coco babaçu, que se dispuseram a lutar pelo direito de livre acesso, subsistência de vida e

pela lei do babaçu livre, por direito ao trabalho nas terras que possuem as palmeiras do coco babaçu sem que haja impedimento de forma alguma para as quebradeiras do coco. Mulheres que têm uma vida de luta e conquistas não só na comunidade, mas na sociedade com suas atividades de formação organizativa e política.

[...] graças à luta do MIQCB, foram garantidos direitos importantes às quebradeiras de coco, como as Leis do Babaçu Livre, aprovadas em 17 municípios nos estados do Maranhão, Pará e Tocantins. Estas leis estabelecem o livre acesso das mulheres aos babaçuais para a extração do coco, mesmo em propriedades privadas. A dinâmica de organização das quebradeiras para resolver os conflitos locais formou a base do modelo organizativo dos grupos de produção que hoje compõem a CIMQCB (Cooperativa Interestadual das Mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu CIMQCB, 2012, p.2).

A organização das quebradeiras de coco babaçu através do MIQCB e da CIMQCB permite a essas mulheres não apenas visibilidade nas lutas políticas, mas também divulgação e comercialização de seus produtos, gerando renda e garantindo a sobrevivência das mesmas.

Muitas vezes as quebradeiras de coco são alvo de violência e ameaçada de morte, assim tirando o direito a vida das mulheres, mais hoje já podemos perceber que as mulheres têm tido avanço na sociedade, tem visto seus interesses perante a comunidade, no mercado de trabalho podemos ver mulheres liderando grupos, empresas e também outras mulheres que estão envolvidas no meio político e aos pouco elas vão conquistando o seu lugar na sociedade.

“Em um primeiro item abordar-se-á partindo sinteticamente e analiticamente da história contemporânea da luta do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB), a existência de confrontos entre questões de direitos internacionais humanos e direitos prescritos no ordenamento brasileiro, bem como os interesses dos grandes proprietários de terra que de forma geral parecem que não se coadunam com a realidade vivida pelas comunidades existentes no Brasil, precisamente no Maranhão já que não existem programas institucionais que conduzam de forma concisa as necessidades e interesses das quebradeiras de coco.” (PIRES, OMENA 2015 p.2).

O MIQCB atua como um movimento social que luta com firmeza representando os interesses sociais, políticos e econômicos destas extrativistas do babaçu, fazendo com que aja uma possibilidade delas desenvolver suas atividades e experiências do trabalho agroextrativista que o MIQCB oferece a estas mulheres quebradeiras do coco babaçu, portanto o MIQCB luta pelo reconhecimento de

trabalho e direito aos babaçuais, que é gritante e de grande descaso do Estado, Bolonhês e Oliveiras, (2013) vem dizer que o direito a terra e ao babaçu, passou a ser uma luta pela qualidade de vida da mulher no campo. O intuito é mostrar como o MIQCB surge nesse vácuo de governo e como ele se provou uma saída para essas mulheres. Ou seja, se quer mostrar como essas mulheres conseguiram para elas mesmas uma solução, uma saída, um meio de sobreviver, e entender qual a dinâmica dessa classe que tem tantas líderes. Esse relatório busca expor a história do movimento nas diferentes regiões visitadas em que atua e analisar os desafios futuros que essa organização enfrentará.

Em 1991, as quebradeiras, com a ajuda dessas organizações, articulam o primeiro Encontro Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu, em São Luís, cria-se a Articulação das Mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu. Em 1995, no III Encontro Interestadual o nome é mudado para Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu – MIQCB. Assim, foi a partir da comunicação entre grupos de mulheres dos quatro estados que o movimento toma corpo e organiza essas regiões de modo que se formaliza a figura MIQCB, sem que os entes e dissolvessem. Portanto, se cria uma organização paralela que gera sentimento de orgulho, de identidade e de grupo. Esse processo foi empoderado pela coesão regional já existente e possibilitou a coesão interestadual. Consequentemente se fez possível a luta de proporções quase nacionais e depois o ganho das terras, a derrocada do machismo, e a ascensão dos direitos de agricultura, de mulher, e de cidadã na realidade dessas mulheres. (BOLONHÊS, OLIVEIRAS, 2007, pag. 04)

É através da quebra do coco babaçu que as mulheres extrativistas conseguem renda para sustentar sua casa. Algumas destas mulheres trabalham para dar o sustento dos filhos, e tem no extrativismo sua única fonte de renda, visto que na maioria das vezes são abandonadas por seus maridos, ou estes viajam para trabalhar fora do estado, deixando a responsabilidade de manter a casa sobre estas mulheres; já outras mulheres trabalham na extração do coco babaçu pelo simples prazer de estar todos os dias na zona rural ou para ajudar na Associação na produção de vários produtos que são feitos do coco babaçu e da casca do mesmo, visto que esta pequena parcela destas mulheres tem outras formas de sobrevivência, como auxílios e aposentadorias.

Figura 1: 5º Festival do coco babaçu no povoado Monte Cristo



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Essas mulheres ocupam várias posições sociais, são trabalhadoras rurais extrativistas do babaçu, esposas, mães, com dupla ou até tripla jornada de trabalho. Mulheres que despertam cedo, pois antes de sair para o trabalho deixam o lar organizado, fazem algo para deixar para os filhos comerem e levam consigo para as áreas de trabalho a comida necessária para a reprodução das energias durante o dia de trabalho na quebra do coco (BARROS, 2010, p.2).

Segundo Bolonhês e Oliveira (2013), o MIQCB assume principalmente um caráter ideológico, em que se busca a educação e conscientização dessas trabalhadoras rurais. Assim, a união das quebradeiras de coco pode também ser enxergada como uma escola, em que se discutem os direitos das mulheres inseridas no universo machista do campo; os direitos pela terra e por uma vida digna, garantida por educação, saúde, renda e moradia de qualidade.

A extração da amêndoa do coco babaçu até meados do século XX foi uma das principais fontes de renda dos codoenses, visto que a maioria da população residia na zona rural, mas esta renda não se restringia apenas a zona rural, pois no centro comercial de Codó existiam comércios exclusivos para compra e venda do babaçu o que incentivou a exploração da atividade da extração do coco por parte das mulheres, visto que é uma atividade, cujas habilidades herdaram das mães e avós.

Na verdade, o que podemos ver no MIQCB (Movimento Interestadual das Quebradeiras do Coco Babaçu) é uma escola de conhecimento onde essas mulheres se reúnem todos os dias para discutirem e compartilhar suas ideias trata-se, portanto do fortalecimento dos laços existentes entre as mulheres extrativistas, tornando assim mais fácil o rompimento das barreiras do preconceito sofrido por elas, tanto no ambiente de trabalho quanto no ambiente familiar.

Outra forma de manifestação de força é a organização da Cooperativa Interestadual das Mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu (CIMQCB) que foi criada em 2009 pelo MIQCB a fim de aumentar o apoio econômico às mulheres quebradeiras de coco babaçu, fortalecendo a parte comercial do movimento. O MIQCB financiou então a criação da cooperativa por meio de projetos com doadores internacionais, os quais ainda apoiam algumas atividades da CIMQCB (principalmente de assistência técnica). A CIMQCB e o MIQCB compartilham a mesma sede em São Luís, mas a cooperativa tem sua própria direção e alguns projetos independentes. Em geral, a orientação política e estratégica da cooperativa é dada pelo MIQCB, por exemplo, no que se refere à luta por um preço mínimo para a amêndoa de babaçu. (CIMQCB, 2012, p.2)

Conforme Ahlert (2016), a coleta e quebra do coco babaçu em Codó, a exemplo de outras cidades que possibilitam acesso a um recurso financeiro, eram, nessa perspectiva, constituintes da vida doméstica das casas (na feitura e preparo dos alimentos, por intermédio, por exemplo, do azeite e do carvão), expressavam ainda uma identidade laboral e participavam de uma dinâmica familiar específica.

As mulheres quebradeiras do coco babaçu, de Codó também participam de várias atividades que são desenvolvidas na sede das quebradeiras. No dia 24 de outubro de 2017 as quebradeiras do coco babaçu receberam na sede os professores do SENAR de São Luís, que vieram ministrar um curso durante a semana sobre o aproveitamento do coco babaçu, com a carga horária de 32 horas, um momento em que as mulheres aprenderam a desenvolver várias formas de trabalhar com as

amêndoas e com a casca de onde é possível fazer uma massa, através da qual é feito sorvete, doce e bolos.

Seguindo este percurso Associação mobiliza as quebradeiras de coco, e em parceria com o IFMA (INSTITUTO FEDERAL DO MARANHÃO) Campus Codó, justamente com SENAR (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural), ficaram responsáveis pela execução do Curso de Aproveitamento Integral do Babaçu, normalmente com a duração de um ano. ([HTTPS://portal.ifma.ifma.edu.br/campus-Codó](https://portal.ifma.ifma.edu.br/campus-codo)).

Na primeira etapa do projeto, as professoras do curso de Agroindústria do Instituto, Josalice de Lima e Cecília Muniz foram ao povoado de Timbaúba para ministrar o módulo básico sobre noções de higiene e segurança no trabalho. O curso ofereceu também módulos sobre como armazenar o babaçu, visto que as quebradeiras só trabalham durante o período da safra, e de como beneficiar o produto, transformando-o em alimentos, materiais de limpeza e artesanato. O principal objetivo é fazer com que estas mulheres tenham uma assistência no desenvolvimento econômico e social, como ilustra a foto abaixo. ([HTTPS://portal.ifma.ifma.edu.br/campus-Codó](https://portal.ifma.ifma.edu.br/campus-codo))

Figura 2: Projeto Agroindustrial do instituto IFMA



Fonte: Portal IFMA (2010).

Este projeto desenvolvido pelo SENAR (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural) e pelo Instituto Federal do Maranhão (IFMA) tem a finalidade de fazer o aproveitamento de todo os derivados do babaçu (inclusive da casca que é usada

como combustível), dentro da perspectiva do curso são abordados também questões sobre os direitos sociais destas mulheres quebradeiras do coco babaçu na comunidade do Bairro Codó Novo.

Conforme Mendes (2016), estes projetos são de fundamental importância, pois promove o reconhecimento, pelo Estado, quanto à identidade social e econômica dessas mulheres.

[...] O reconhecimento pelo Estado através da criação e implantação de Programas que reconhecem os produtos da agricultura familiar no sentido de garantir sua reprodução enquanto produtoras de alimentos básicos para a alimentação como produto de valor econômico, também tem dado visibilidade as quebradeiras de coco e suas organizações. Esse reconhecimento é fruto de muitos diálogos e pressões políticas, propostas pelas quebradeiras em suas diversas formas organizativas sejam através do MIQCB que em uma representação junto aos órgãos federais e as associações a nível mais local tem conseguido a inserção do babaçu nas políticas voltadas a comercialização. (MENDES, 2016, p 62).

Com os programas, as quebradeiras do coco babaçu ficaram reconhecidas no Estado pelos produtos que são derivados do babaçu, tornando assim o trabalho da mulher extrativista cada vez mais fortalecido na sociedade. Este reconhecimento foi e está sendo resultado de muitas lutas e diálogo entre as extrativistas que formam o MIQCB (Movimento Interestadual das Quebradeiras do Coco Babaçu), e autoridades políticas, assim elas viram a inclusão nas políticas públicas e a economia. Conforme MENDES:

Esse reconhecimento também fortalece as reivindicações das quebradeiras no reconhecimento das florestas de babaçu e a proteção das comunidades tradicionais de quebradeiras de coco como cuidadoras dessas florestas. Chamando a atenção da necessidade do Estado reconhecer o direito do acesso ao babaçu e o uso dos seus territórios. Nos estados do Maranhão e do Piauí as quebradeiras de coco conseguiram leis que as reconhecem como comunidades tradicionais, homenageando-as no vinte e quatro de setembro como sendo “o seu dia”. Essas leis de reconhecimento são instrumentos fundamentais, pois reforçam e afirmam sua identidade, instrumentalizando-as para conquistas de outras políticas. (MENDES, 2016, p 62).

Silva; Napolitano e Bastos (2016), afirma que o Maranhão, apesar de ser o maior produtor de coco babaçu do Brasil, como já ressaltado, ainda não tem uma lei estadual sobre o Babaçu Livre. O estado possui duas leis que conferem proteção às palmeiras, mas não tratam especificamente do livre acesso aos babaçuais, neste sentido a Lei Estadual no 4.734, de 18 de junho de 1986, que proíbe a derrubada de

palmeira babaçu e dá outras providências e a Lei Estadual no 5.405, de 8 de abril de 1992, o denominado Código de Proteção do Meio Ambiente do estado do Maranhão.

Segundo Neto, (2017) a primeira lei municipal aprovada pelo movimento foi a Lei n. 05/97, no Município de Lago do Junco. A Lei “autoriza o Chefe do Poder Executivo Municipal a tornar a atividade extrativista do babaçu uma atividade livre no município e dá outras providências.” Essa lei, assim como as outras que também foram propostas e aprovadas no âmbito da área de atuação do MIQCB, reflete o grau de organização das mulheres nos Municípios, bem como a sua força política. As extrativistas conquistaram algumas leis mesmo com todos os atributos da lei, ainda existe um rigoroso impedimento dos proprietários das terras não liberando as terras que possuem as palmeiras do babaçu a quem tanto precisar para sobreviver e do governo federal e estadual que criam estratégias a fim de amenizar as reivindicações das extrativistas criam leis que não são aplicadas e que ficam apenas no papel causando prejuízos e colocando em risco a comunidade extrativista.

O conteúdo da Constituição da República Federativa do Brasil de 19883 e a promulgação da Convenção n. 169 da Organização Internacional do Trabalho - OIT - pelo Decreto n. 5.051, de 19 de abril de 2004 evidenciam a força desses movimentos, que até então se encontravam “invisíveis” às políticas de pretensão universal. A Convenção n.169 da OIT, que é de 1989, estabeleceu, como critério fundamental de identificação, a auto definição; assim é o próprio sujeito que diz de si mesmo em relação ao grupo ao qual pertence. A maioria dos grupos estava subordinada à categoria de “trabalhadores extrativistas”, cujas atividades eram disciplinadas pelo chamado Estatuto da Terra - Lei n. 4.504, de 30 de novembro de 1964. (NETO, 2017, pag.150)

Estas leis protegem os babaçuais e garantem o livre acesso as terras, dando assim o direito às quebradeiras do coco babaçu as quais fazem movimentos através de suas respectivas associações como forma de protesto contra a derrubada dos palmeirais e dessa forma impedem também os fazendeiros e empresas de destruírem os babaçuais para transformarem em pastos para o gado; outra forma de luta das quebradeiras é o beneficiamento das amêndoas do babaçu, sendo assim isso se configura como luta política que chama atenção do Estado e da sociedade para sua causa.

Conforme Sabbato (2009), a luta pela autonomia econômica das mulheres no campo passa também por suas reivindicações de garantia de acesso à propriedade

da terra e de se beneficiarem do conjunto das políticas destinadas ao campo, como a de assistência técnica. A demanda pelo acesso igualitário à terra na reforma agrária, colocada pela Marcha das Margaridas, levou o governo federal a efetivar tal reivindicação com a Portaria 981/2003 do Incra, que estabeleceu a obrigatoriedade da titulação conjunta da terra entre homens e mulheres. Também é importante retomar aqui que outros movimentos de mulheres do campo, tal como o MMC, estiveram presentes nessa reivindicação do crédito, bem como em outras reivindicações. As mulheres do MST e demais movimentos da Via Campesina¹ fazem mobilizações permanentes pelo direito a terra, pelo questionamento do agronegócio, dos transgênicos, das privatizações e pela importância de visibilizar a produção feminina.

O movimento MMC (Movimento de Mulheres Camponesas) tem a capacidade de ajudar a mulheres do campo junto as suas famílias na produtividade agrícola e artesanal, para a manutenção de subsistência de algumas famílias e a comercialização dos produtos feitos por quebradeiras do coco babaçu. A mulher camponesa é a dona de casa que vai em busca do alimento para os filhos, ou seja, é a quebradeira do coco, é a trabalhadora rural e está sempre exercendo uma atividade no seu dia a dia. O Movimento de Mulheres Camponesas afirma que:

Neste sentido, mulher camponesa, é aquela que, de uma ou de outra maneira, produz o alimento e garante a subsistência da família. É a pequena agricultora, a pescadora artesanal, a quebradeira de coco, as extrativistas, arrendatárias, meeiras, ribeirinhas, posseiras, boias-frias, diaristas, parceiras, sem terra, acampadas e assentadas, assalariadas rurais e indígenas. A soma e a unificação destas experiências camponesas e a participação política da mulher, legítima e confirma no Brasil, o nome de Movimento de Mulheres Camponesas. (Documento Tese do MMC, 2004).

A reprodução social camponesa no Maranhão tem se baseado especialmente na exploração agrícola e extrativista de cunho familiar. Uma das principais características do modo de vida rural maranhense consiste no fato de que geralmente se alia o cultivo agrícola à extração (coleta e quebra) do coco babaçu para fins de autoconsumo e/ou comercialização. (BARBOSA, 2013, p.86)

¹ Via Campesina é um movimento internacional que articula 163 movimentos de 73 países e se considera como um “movimento autônomo, pluralista e multicultural, sem nenhuma filiação política, econômica ou de qualquer outro tipo” Ribeiro (2016, p. 97 apud VIA CAMPESINA, 2011, não paginado).

Nesta perspectiva de compreensão da apropriação do coco babaçu pelas mulheres extrativistas, Barbosa (2013), afirma que a experiência camponesa no Maranhão é geralmente atualizada através das memórias dos trabalhadores em torno do babaçu. Os camponeses tenderam a construir representações e a legitimar certas apropriações da palmeira de babaçu que são constantemente reatualizadas em seu repertório discursivo, dando sentido e forma à conexão entre passado e presente para tratar de suas práticas e instituir seus discursos. As representações e apropriações construídas ao longo de décadas se relacionam ao valor que o extrativismo assumiu na subsistência diária desses sujeitos. Como já enfatizado, o sentido do babaçu em suas vidas toma dimensões não somente econômico-monetárias, mas também socioculturais, não somente materiais, mas também simbólicas.

A extração do coco babaçu vem sendo feito há décadas, não só por mulheres, mas em alguns momentos é feita também pelos homens, todavia este é um trabalho predominantemente feminino, pois os homens geralmente trabalham na roça, brocam, plantam e capinam; durante este período que vai de novembro a abril as extrativistas mantem o sustento da família através da quebra do coco babaçu, neste sentido, o extrativismo tornou-se uma atividade fundamental na vida destes camponeses, hoje as palmeiras do babaçu faz parte da vida destes pequenos agricultores e de suas famílias.

A quebra de coco, portanto, permitia às mulheres contribuírem com suas famílias – algo que faziam também quando trabalhavam nas roças consideradas dos seus maridos, ainda que, nesses casos, seu trabalho fosse visto sempre como uma “ajuda”. Uma das vantagens da quebra, diretamente relacionada à centralidade da família, era a liberdade de gerir a própria rotina, diferente de outras formas de trabalho tido como feminino. (AHLERT, 2016, p.47)

Para Silva (2014), a superação da desigualdade de gênero no acesso ao mercado de trabalho pode ser considerada como intimamente relacionada a um processo mais abrangente de emancipação da mulher envolvendo mudanças profundas nas relações familiares.

Na perspectiva de gênero sempre existiu a divisão de trabalho, a mulher está mais ligada ao trabalho doméstico da casa enquanto o homem é visto como o provedor da família. O trabalho extrativista desenvolvido pela mulher era visto

apenas como um complemento na renda da família, com o surgimento das cooperativas e associações houve um reconhecimento para as mulheres quebradeiras do coco babaçu.

O reconhecimento legal das mulheres na produção da agricultura familiar foi um grande passo, mas além das leis se faz necessário um conjunto de ações paralelas que empoderem as mulheres. Para que possam, de fato, usufruir seus direitos conquistados. Reconhece-se que ainda é grande a burocratização que envolve os programas de crédito, o que dificulta o acesso das mulheres a esses programas. (SILVA, 2014, p.18)

Como relatado de incansáveis lutas através dos movimentos sociais, as mulheres se tornaram independentes e se destacaram por meio da sua força de trabalho e resistência no campo rural, valorizando e preservando as palmeiras dos babaçuais que tem sido utilizado como uma garantia de vida ou manutenção familiar para as mulheres, de forma especial as do bairro Codó Novo, na cidade de Codó-MA, como demonstrarei mais a frente.

Nesta perspectiva é importante destacar o que afirma Figueiredo (2005) sobre a liberdade de acesso das mulheres extrativistas aos babaçuais, pois a forma de trabalho é determinada pela relação com a terra e com o babaçu. Se as terras onde tem ocorrência de palmeiras de babaçu são áreas de posse, de assentamento, pequenas propriedades, reservas extrativistas ou outra forma que indica domínio por parte das famílias camponesas, as famílias dessas áreas e geralmente das circunvizinhas têm livre acesso aos babaçuais e, portanto, o trabalho é livre. Existem exceções a essa regra, especialmente onde houve loteamento de áreas comuns. É também livre quando mesmo em terras privadas dominadas por fazendeiros foi conquistado o livre acesso ao babaçu, seja através de leis municipais e/ou da luta para libertar o coco.

Percebe-se então que esta liberdade se define pelo livre acesso as áreas dos babaçuais, independentemente de que seja áreas privada ou de pequenos assentamentos. É comum nas grandes propriedades ou fazendas haver restrições quanto à venda das amêndoas do babaçu, ou seja, o dono da terra permite a entrada das quebradeiras, mas em contrapartida monopolizam a compra da produção dessas quebradeiras, sendo que esta negociação sempre sai com um preço menor que o valor de mercado, desvalorizando assim o trabalho das mulheres extrativistas, neste

caso, não há liberdade mais sim uma violação dos direitos destas mulheres, fato que ainda é enfrentado pelas mulheres de Codó, configurando objeto de suas lutas.

CAPÍTULO II

2. A PALMEIRA DO BABAÇU E AS DIFICULDADES ENFRENTADAS PELAS MULHERES QUEBRADEIRAS DE COCO NA EXPLORAÇÃO DAS ATIVIDADES DO EXTRATIVISMO.

A palmeira do coco babaçu produz uma amêndoa de origem botânica (Arecaceae *Orbignya phalerata*), que existe em alguns países da América Latina. E no Brasil as palmeiras são encontradas em áreas de florestas e local de umidade, por certo que no Nordeste as palmeiras estão localizadas em lugares semiáridos e no cerrado brasileiro. Conforme SILVEIRA,

“[...] o babaçu é uma das mais importantes palmeiras brasileiras. Atualmente é o segundo maior produto florestal não madeireiro dos mais vendidos no Brasil e são encontrado, principalmente, em plantações conhecidas como babaçuais, concentradas nos estados do Maranhão, Pará, Tocantins e Piauí, havendo ainda presença de babaçuais na Bahia e no Ceará e em menor expressão em outros estados do País”. (SILVEIRA, 2017, p.19)

As áreas de ocorrências de babaçuais estendem-se de forma descontínua por nove Estados, sendo que aproximadamente 2/3 se encontram no Maranhão, o Estado do Maranhão participa, em média, com cerca de 65% da área nacional de ocorrência do babaçu, o que representa 30% da superfície do Estado. A área ocupada pelas palmeiras nas Regiões Ecológicas de Cerrado, Cocais e Baixada correspondem a 25% da superfície deste Estado, congregando as citadas Regiões aproximadamente 80% da produção de amêndoas. NASCIMENTO (2004, p. 07, apud MAY, 1990).

No Brasil, o babaçu é encontrado na zona de transição entre as florestas úmidas da bacia amazônica e as terras semi-áridas do nordeste onde se destaca o estado do Maranhão com cerca de 10 milhões de hectares de ocorrência de babaçuais. O Maranhão é o estado que apresenta a maior área com ocorrência de babaçuais no Brasil; a mancha de babaçu que cobre o Estado é de 10 milhões de hectares e atinge cerca 37% do seu território, lugares estes que as extrativistas vão à busca do meio de vida e a luta pela sobrevivência dos seus filhos. (BABIÉRE, 2004)

A palmeira do coco babaçu da família das palmáceas, nativa do semiárido brasileiro, sendo umas das mais ricas em fibras e minerais. O semiárido é

representado na sua maior parte no Nordeste, é onde reside uma grande parte da população mais empobrecida, que se beneficia do extrativismo do babaçu, fonte de trabalho e renda para muitas famílias. O território maranhense é o espaço em que a palmeira do coco babaçu chegou e encravou sua raiz, trazendo grande influência econômica para as comunidades mais necessitadas do município, especialmente de Codó.

O babaçu, planta da família das palmáceas, é nativo da região Centro-Norte brasileiro, onde se localiza sua principal ocorrência, constituindo-se em espécie altamente dominadora, formando grandes matas, às vezes homogêneas, às vezes em concorrência com outras espécies. É no estado de Goiás e, principalmente, Maranhão que o babaçu assume importante expressão econômica, (MAY, 1990).

Conforme a leitura do mapa abaixo os estados onde encontramos babaçuais são: Maranhão, Piauí, Goiás e Mato Grosso; sendo que os Estados de Goiás e Mato Grosso apresentam uma menor incidência de babaçuais, todavia, vale ressaltar que no Mato Grosso encontra-se o maior assentamento de mulheres extrativistas do Brasil, devido à organização dessas mulheres, Nunes Souza; Neves; Arilson; Lorenzon; Silva (2015), afirmam que: no cerrado mato-grossense, mais especificamente na região de Tangará da Serra, localiza-se o assentamento Antônio Conselheiro, considerado um dos maiores assentamentos do país e rico em babaçuais.

Figura 3: Distribuição geográfica dos babaçuais no Brasil (MIC/STI, 1982).

Fonte: Google



O

Maranhão é o estado com maior incidência dos babaçuais e, principalmente na Região Leste do Estado conhecida também como Região de Planejamento dos Cocais, formada por cinco municípios dos quais a cidade de Codó é o principal deles, onde a atividade extrativista ainda tem bastante força no contexto social, não somente na zona rural mais também na zona urbana, destacando-se o Bairro Codó-Novo onde está localizada a Sede das Quebradeiras de Coco Babaçu, associação foi fundada pelo empresário Iêdo Barros em 2000 hoje ela tem 19 anos de fundação, o empresário Iêdo Barros que deu apoio a mulheres extrativistas, a sede das quebradeiras de coco tem uma parceria com a ONG Plan que conseguiu recurso financeiro para melhoria da associação de Codó, tornando um espaço melhor para as extrativistas realizarem suas atividades do extrativismo, a associação que tem como objetivo auxiliar as mulheres extrativistas, beneficiando a amêndoa do babaçu, tornando-as produtos comercializados por essas mulheres.

Mendes (2016, p.16 apud Martins, 2012, p.35) se refere a situações semelhantes de deslocamentos, diferenciando-os de migrações, no sentido de ser “uma lógica de deslocamento que inclui retornos sucessivos”. O esforço aqui empreendido é de mostrar como as quebradeiras de coco se deslocam em

consequência da ausência de políticas públicas que priorizem as comunidades tradicionais, respeitando o uso de seus territórios.

A palmeira do coco babaçu é de grande porte podendo chegar até 20 metros de altura e ter entre 40 a 60 cm de diâmetro e dá um fruto de 10 a 12 cm de comprimento e 5 a 10 cm de diâmetro, fica em longos cachos que segundo dona Maria Aldenora, que já foi extrativista, demora nove meses para amadurecer, sendo que uma palmeira pode produzir uma média de até 5 a 6 cachos de coco por safra com a base de 300 a 500 cocos por cachos, essa produtividade varia de acordo com a estação das chuvas.

A palmeira foi sempre considerada uma das maiores riquezas do País, com existência quantificada em “bilhões” de toneladas de coco. Há, sem dúvida, muita palmeira - talvez bilhões - mas de tal forma adensadas que se estabelece grande concorrência entre elas, o que constitui uma das prováveis causas da baixa produtividade dos babaçuais. Na literatura menciona-se a existência de 10 a 40 bilhões de palmeira, incluindo-se todas as espécies ocorrentes no Brasil. Esta literatura, representada na maioria dos casos por trabalhos carentes de bases científicas suficientemente sólidas, generaliza a crença que a região dispõe de inesgotável potencial desta matéria-prima (NASCIMENTO, 2004, p.07).

Por se tratar de mata nativa, não podemos considerar o seu plantio, mas apenas a extração vegetal, no que tange ao processo agrícola. Durante muitos anos a extração do coco babaçu era feita só manualmente, com a descoberta de suas propriedades nutritivas, farmacêuticas e energéticas, muitas indústrias se instalaram, sobretudo no Maranhão e Tocantins para melhor explorar o produto, (LUCENA, 2008). Essa exploração industrial torna-se prejudicial para as quebradeiras do babaçu, pois as mesmas têm o cuidado de fazer a extração vegetal do coco e preservar as suas palmeiras.

De acordo com Barbosa (2013), para as quebradeiras de coco e para alguns agricultores, a devastação dos babaçuais representa uma perda material e simbólica, uma vez que a palmeira assume um lugar personificado – ela é “mãe”, “virgem” ou “viúva”. O corte, a queima e o envenenamento das palmeiras refletem bem mais que uma redução dos babaçuais, marcando-lhes em sua intimidade e operando como uma violência ao seu trabalho e à sua vida.

A imagem abaixo mostra que no povoado Montevideo, município de Codó-MA, a degradação palmeirais para implantação da usina de fabricação de asfalto, o

resultado desta ação causou danos florestais às palmeiras do babaçu e a quem dela depende para sobreviver.

Figura 4: Palmeiras do babaçuais (Orbignya Phalerata)



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

Pereira (2015) ressalta em seu texto sob as copas dos babaçuais (*Orbignya phalerata*) onde milhares de famílias quebram o coco babaçu, produzindo diversos produtos com o total aproveitamento da palmeira, como o óleo da amêndoa e o azeite; a massa gerada pela prensagem do óleo para alimentação dos animais, o mesocarpo é nutritivo e medicinal; a casca do coco se transformam em carvão; os troncos e palhas servem para a construção de moradias, vedação de parede, cerca de lotes e a confecção de objetos artesanais.

As palhas e talos servem para cobrir e revestir casas, para fabricar esteiras, chapéu, cesto, etc. o palmito, chamado olho da palmeira, é usado como alimento. O coco, quando ainda verde, se levado ao fogo, produz abundante fumaça que é utilizada na coagulação do leite da seringueira e no preparo da borracha. A borra da amêndoa (resíduo da extração do óleo, reduzido a farelo) é utilizada na ração para gado bovino, suíno e também como adubo. As cascas do coco dão um ótimo carvão para a siderurgia, alcatrão, acetatos, ácido acético, acetona, álcool metílico, formol. Portanto, trata-se de uma palmeira que tem feito parte da vida de um grande percentual de habitantes, (...) e tem consolidando-se como matéria prima para diversos produtos, o que o faz encontrar-se em destaque entre os produtos nacionais para exportação, visto que suas propriedades cosméticas, medicinais e energéticas têm despertado interesse não só no mercado interno, mas, sobretudo, da indústria internacional, sendo produto de exportação desde início do século XX (LUCENA, 2008, p.24).

O babaçu é o fruto das palmeiras mais conhecida no Brasil, e desse fruto pode fazer uma “variedade de produtos” como é mencionada acima pela autora Lucena (2008).

Nesse contexto destacam-se novos modelos desenvolvidos em virtude do associativismo e dos movimentos sociais compostos e liderados por mulheres extrativistas. A Associação em Áreas de Assentamentos no Estado do Maranhão (ASSEMA), por exemplo, é uma ONG que vem desenvolvendo uma proposta de aumento da produtividade e do auto abastecimento da agricultura familiar e de manutenção dos babaçuais, com base em práticas e em princípios agroecológicos. GOUVEIA (2015, p. 17, apud BARBIERI, 2004).

2.1 A apropriação da cadeia produtiva do babaçu pelas mulheres

As mulheres que trabalham na quebra do coco babaçu nos últimos anos tem buscado uma forma de serem reconhecidas na sociedade e no mercado de trabalho da mesma forma que o homem é reconhecido, estas mulheres têm mostrado sua força de trabalho. Através da associação e de manifestações as extrativistas expressam suas opiniões, lutando contra as diferenças sociais e a desigualdade do gênero, que acontece no meio político e principalmente na quebra do coco babaçu que predominantemente é exercido por elas, nesta perspectiva, podemos conhecer e analisar o trabalho e a realidade das quebradeiras de coco babaçu na cidade de Codó e também compreender como as extrativistas da associação realizam os movimentos para enfrentar essas desigualdades.

Aos homens são destinados prioritariamente às atividades vinculadas à esfera produtiva, enquanto as mulheres à esfera reprodutiva, e ao mesmo tempo em que há uma maior valorização do trabalho masculino e eles exercem as atividades de maior valor agregado. Essa formulação permite abordar a relação entre produção e reprodução, explica a simultaneidade das mulheres nos trabalhos produtivo e reprodutivo e sua exploração diferenciada no mundo produtivo e no trabalho assalariado. (SABBATO, 2009, p.18)

A luta destas mulheres é constante para o reconhecimento do trabalho, assim como os homens tem seus direitos reconhecidos; estas questões são feitas pelas mulheres que vão em busca de reconhecimento pelo seu trabalho, pelo fim da desigualdade sexual e divisão do trabalho. Com esta divisão as mulheres estão

designadas apenas a parte reprodutiva das atividades, sendo que elas exercem as mesmas funções que os homens exercem no trabalho. Sabato (2009) diz quer:

A presença das mulheres no trabalho assalariado ou no campo não alterou em nada a responsabilidade quase exclusiva pelo trabalho doméstico e o cuidado. Para as mulheres a realização do trabalho doméstica e de cuidados coloca-se como parte de sua identidade primaria, uma vez que a maternidade é considerada seu lugar principal. Essa identidade é introjetada de forma profunda pelas mulheres e sua vivencia está marcada pela avaliação das funções maternas e valores associados: a docilidade, fragilidade, compreensão cuidado, afeto. Na verdade esse discurso da boa mãe é uma construção ideológica para que as mulheres continuem fazendo o trabalho doméstico. (SABBATO, 2009, p.18)

No mundo do trabalho, o trabalho no campo das mulheres não passa de uma atividade complementar para as suas famílias, o trabalho doméstico sempre vai existir para a dona de casa como uma atividade indispensável e que a mulher carregará consigo esta função como identidade primaria que ficou gravado em sua memória desde as raízes maternas, perpetuando assim sua função familiar, todavia as lutas destas mulheres por seu espaço no contexto social têm aos poucos mudando essa situação diante da sociedade e promovido o reconhecimento produtivo econômico desta atividade.

Ainda sobre a luta destas mulheres extrativistas para seu reconhecimento social além do espaço privado de sua casa Lima (2016), afirma que:

[...] para romper o anonimato do espaço privado da casa e buscar o reconhecimento de seu protagonismo político as mulheres sujeitaram-se a acumular funções como a de mulher cuidadeira e militante. Em situações distintas, como nos conflitos em torno da luta pela terra e acesso aos babaquais, para participar dos espaços e esferas públicas de poder, como sindicatos, associações e conselhos, tiveram que 'afrontar' os próprios maridos [...] (LIMA, 2016, p. 66).

Conforme Mendes; Neves; Ronaldo (2014), portanto, as lutas das mulheres trabalhadoras no contexto rural brasileiro revelam a necessidade de construir, no projeto popular atual, a transformação das relações de classe e gênero, com a garantia dos direitos humanos e, ao mesmo tempo, a transformação nas relações entre homens e mulheres, e entre estes e a natureza.

Também o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (2012), afirma que a quebra do coco do babaçu ainda é em muitas regiões uma tarefa tipicamente feminina e feita de forma manual sem qualquer sistema de quebra mecanizada, apesar de já existir máquinas que realizam a quebra do coco. As quebradeiras do

coco babaçu de Codó fazem o uso deste tipo de máquina, mas geralmente elas preferem obter a quebra do coco de forma manual, juntas sentadas ao chão, para o beneficiamento da cadeia produtiva do babaçu e também de outros produtos derivados da amêndoa, o que caracteriza a atividade não só como produção visando renda, mas como preservação de uma tradição.

O primeiro elo da cadeia produtiva tem como agente principal mulheres e crianças que coletam o coco-babaçu que cai espontaneamente da palmeira. Algumas vezes o produto da coleta é transportado para suas casas em cestas de palha, onde será efetuada a quebra, mas geralmente esse trabalho é realizado no campo, ao pé da palmeira. Assim, o processamento da amêndoa inicia-se com a quebra manual do coco, realizada com a utilização de um machado e empregando-se principalmente a mão de obra feminina: as quebradeiras de coco-babaçu. (GOUVEIA, 2015, p.13)

Ao lado da exploração industrial, permanece ainda a técnica rudimentar de extrativismo e, talvez com maior frequência que a exploração industrial. Se considerarmos a preferências das mulheres extrativistas de Codó.

Nesta perspectiva Vale (2015), ressalta em sua dissertação que tem como tema “Avaliação do perfil das quebradeiras de coco babaçu e de suas condições de trabalho no município de Itapecuru-Mirim/MA”, “as atividades da cadeia produtiva do babaçu que se iniciam na mata, na coleta dos cocos é sem EPI (equipamentos de proteção individual), nem ferramentas de trabalhos, somente a sabedoria cultural das quebradeiras, sendo estas expostas a vários perigos de acidente. Não diferentemente, o transporte dos cocos ao local da quebra exige levantamento manual de carga, para posicioná-la sobre a cabeça e percorrer longos caminho a pé. A quebra dos cocos exige sentar-se por tempo prolongado no chão, postura estática, velocidade e aplicação de força com o braço que segura o porrete e efetua os golpes no coco para retirada das amêndoas. Na quebra, também há liberação de poeira vegetal e geração de ruído, maximizado quando a quebra é realizada em grupo”, estas mulheres estão sujeita a todo e qualquer perigo na mata, por não usarem nem um tipo de EPI para protegê-las de acidentes, após a quebra do coco as quebradeiras colocam as amêndoas do babaçu em um côfo (recipiente feitos artesanalmente com a palha da palmeira do babaçu), o côfo elas carregam em seus ombros ou na cabeça até a estrada onde esperam o carro que leva e traz de volta à cidade, em outros momentos as extrativistas trazem o coco inteiro para quebrar em casa ou na Sede do movimento o que demonstra ser uma atividade tradicional, sem uso de equipamentos ou tecnologia que amenize o fardo do trabalho.

CAPITULO III

3. AS ATIVIDADES DO EXTRATIVISMO DO BABAÇU: trabalho, renda e preservação de um saber tradicional?

O presente capítulo tem como objetivo mostrar como o trabalho do extrativismo do babaçu gera renda para as quebradeiras de coco na cidade de Codó-MA, pois é possível fazer uma variedade de produtos do babaçu que são comercializados e geram renda as famílias que dependem da extração do babaçu no bairro Codó Novo.

A importância do babaçu para essas mulheres faz com que elas tenham cuidado e um sentimento especial em relação às palmeiras, que são chamadas pelas quebradeiras de “árvore mãe”, pois garantem a sobrevivência de toda a comunidade extrativista. Como uma mãe, a palmeira distribui igualmente os seus frutos, independentemente da condição dos filhos. (NETO, 2017, p.152)

Para coletar as informações utilizei o método da entrevista junto à senhora Áurea Maria da Silva, que exerce a função de presidente da Associação das Quebradeiras de Coco de Codó, no bairro Codó Novo, por ser mulher experiente, de 55 anos de idade, casada, mãe de três filhos, natural de Lago Grande do Maranhão, atual cidade de Lago da Pedra. Ela chegou ao município de Codó em 1988. Iniciou o seu primeiro contato com a roça desde sua infância, pois seus pais eram lavradores, devido à vida na roça não teve a oportunidade de estudar, no entanto, já na fase adulta sentiu o desejo e a necessidade de aprender ler e escrever, matriculando-se no programa EJA - Educação de Jovens e Adultos. Corroborando com os autores estudados Dona Aurea comenta sobre a crise que tem afetado as palmeiras do coco babaçu. Ela diz que as mulheres não encontram mais coco nas matas próximas a cidade de Codó, lembrou ainda que antigamente elas quebravam de 10 a 15 quilos do coco por dia e que hoje não se consegue extrair esta quantidade devido à derrubada da mata dos cocais no entorno da cidade e também os problemas de saúde devido à árdua jornada de trabalho. Afirma ainda que está muito difícil, principalmente entre os meses de outubro a dezembro, com escassez do coco, quando encontra coco em alguma palmeira só dá para tirar 01 ou 02 quilos. Diante desta escassez de palmeiras do babaçu a senhora Áurea afirma que:

[...] nós mulheres extrativistas que fazemos parte da associação nos reunimos e compramos o coco babaçu de outros municípios, para que possamos desenvolver nosso trabalho diário com o coco babaçu, do qual é possível fazer uma variedade de produtos que são: o sabão em barra, pasta de brilho, desinfetante e sabonete. Também se pode utilizar a própria casca do coco babaçu para fazer carvão vegetal que é muito utilizado na cozinha de várias famílias para fazer o alimento, inclusive nos lares das quebradeiras do coco babaçu que muito se usa no seu dia a dia. (DONA ÁUREA, 2019)

Dentre os derivados do babaçu processados pelas mulheres extrativistas o azeite é o produto mais bem aceito, procurado e comercializado no mercado de Codó, sendo vendido com uma média de preço entre 10 a 15 reais o litro de azeite. O baixo custo do produto é um dos maiores obstáculos tanto para o incremento da renda das mulheres como para a manutenção da sede da associação, pois as mesmas não recebem nenhuma ajuda de custo da prefeitura. Essa situação nos serve para comprovar que o preço final do produto não recompensa o trabalho empenhado e nem considera a escassez da matéria prima.

Concordo com Barbieri (2004), quando afirma que as famílias camponesas sobrevivem baseadas em uma economia agroextrativista, ou seja, essa unidade familiar não consegue subsistir sem o consumo dos produtos do mercado, portanto a amêndoa do babaçu é convertida na moeda que lhes garante o poder de compra desses produtos que também são vitais à sua sobrevivência. Esse ciclo gera impagável dívida financeira das mulheres com aqueles que se autodeclaram os donos da terra, pois, em detrimento do acesso ao babaçual as mulheres se sujeitam a trabalhos classificados como escambo, que gera endividamento destas com latifundiários.

Conforme Silva (2016), na fase da comercialização dos subprodutos do babaçu, ou seja, produtos com utilidades e valor comercial distinto que se originam do fruto, surge à figura do “atravessador” que compra a produção, em geral a preços mais baixos, caracterizando de forma acentuada a exploração da força de trabalho aplicada na manufatura dos derivados da palmeira do babaçu.

Em vista da necessidade de agregar mais valor ao produto as extrativistas precisam processar e transformar o produto *in natura* em subprodutos, como óleo, azeite, sabonete, farinha de mesocarpo, entre outros (figura 5). Contudo essa etapa da produção, caracterizada por trabalho artesanal, quase sem uso de maquinário não é valorizada em termos de agregação de valor no preço final do produto, especialmente, quando há a figura do atravessador.

Figura 5: (A) Sabão e sabonete; (B) óleo, sequilhos, mesocarpo e bijuterias; (C) azeite do coco babaçu, sabão e sabonete.



A



A

B



C

Fonte: Arquivo pessoal (2019).

Segundo dona Lindalva, quebradeira de coco de 59 anos, casada, mãe de três filhos, natural do povoado Morada Nova município de Timbiras, que se mudou para a cidade de Codó em 1992, neste mesmo ano conta que se associou na sede das quebradeiras de coco do Bairro Codó Novo. Dona Lindalva afirma que:

O primeiro contato que eu tive com o coco babaçu foi na minha adolescência, meus pais iam ao mato quebrar coco e me levava junto e com a convivência no meio do mato eu fui aprendendo a quebrar o coco. No início foi difícil mais com o tempo eu fui acostumando a trabalhar na roça e com o coco babaçu tirando o azeite, eu cresci praticando está atividade, na época em 1992 a gente ficava mais animada porque nós quebrava muito coco e logo agente vendia pra quitanda para compra o alimento, hoje nós conseguimos quebrar menos coco que antigamente, eu vejo que o trabalho com o coco babaçu na nossa vida tem sido uma história de vida pra mim. (LINDALVA, 2019).

Dona Lindalva, nos conta ainda que entre os anos de 2016 e 2017 as palmeiras de coco começaram a ficar escassas. Era difícil encontrar o coco babaçu na região do KM 17, nas terras da Fábrica de cimento Nassau. Para ela tudo isso acontece devido à falta de chuva, as queimadas e o desmatamento que é provocado pelo o homem para criar gado. Com o dano causado na natureza, às quebradeiras do babaçu andam quilômetros para encontrar uma palmeira que tenha coco.

Essa rotina das quebradeiras de coco já foi objeto de estudo de diversos pesquisadores com os quais concordo ao concluírem que,

O acesso aos babaçuais tornou-se difícil devido a obstrução por parte dos donos das terras onde se encontram os palmeirais. E quando isso acontece, esse fato tem se convencionado chamar entre as quebradeiras e outros que trabalham o tema de "coco preso", quando para o seu contrário, que é o desejado "coco livre" (SILVA, 2016, p.15).

As dificuldades enfrentadas pelas extrativistas tornou-se bandeira de luta, que desencadeou a criação da Lei do babaçu livre, no ano de 1997. A lei tem o objetivo de proteger a natureza e as mulheres quebradeiras do coco babaçu como população tradicional que vive e cuida das florestas de babaçu.

Para Neto (2017), quando elas saem para “caçar o coco”, respeitam os diversos costumes, como o de nunca cortar o cacho inteiro do coco, pois, se assim o fizerem, apenas uma única família ganha; por outro lado, deixando o coco cair naturalmente, respeitando o seu ciclo vital, qualquer uma poderá fazê-lo. Quando caem no chão, os cocos podem ser amontoados e, assim, não são tomados por outras mulheres. Tal prática coaduna-se com a percepção da necessidade e da capacidade de cada mulher coletar o suficiente para a sua reprodução. Para explicar ainda mais a harmonia e o respeito aos costumes pré-estabelecido Neto (2017) afirma que:

Cada quebradeira coleta de acordo com as suas necessidades, não se verificam disputas entre as mulheres pelo recurso, que é utilizado de forma aberta e comum pelas diversas famílias que dele dependem. O coco é igual e solidariamente distribuído entre as quebradeiras de coco e suas famílias, já que, como “árvore mãe”, deve prover a todos, indistintamente. Aqui, um segundo elemento da ideia de desenvolvimento sustentável. (NETO, 2017, p. 156)

As mulheres, por muitas vezes, coletam os cocos no chão, diretamente sob as palmeiras. Contudo, quando estão com dificuldade de encontrar os cocos caídos,

verificando palmeiras com cachos carregados de coco, buscam meios (varas, toras de madeira) para derrubá-los, técnica denominada como rebolo, meio que elas encontram para realizar as coletas do babaçu, embora seja de grande risco. (CARRAZA, SILVA; ÁVILA, 2012, p.17).

Diante das dificuldades para realização de seu trabalho as quebradeiras demonstram solidariedade de umas para com as outras, dividindo a amêndoas que encontram nas terras de “pequenos produtores, proprietários ou não proprietários (parceiros, arrendatários e ocupantes) em Codó são aos maiores responsáveis pela produção extrativa do babaçu, são o centro dessa atividade e, também, da agricultura familiar em algumas localidades. Elas desempenham com a agricultura uma dupla jornada, já que, além do trabalho produtivo propriamente dito (na roça e no extrativismo), são também donas de casa, educadoras etc. Contudo, sua posição no trabalho extrativo do babaçu dá à mulher um “status” e uma responsabilidade que é a da manutenção da família.” (MESQUITA, 2008, p.57).

Francidalva Gina Ribeiro, conhecida como Nené, tem 35 anos e é natural do povoado Santa Rita Município de Timbiras. Veio para Codó com sua mãe alguns anos atrás e também mora no Bairro Codó Novo. É mãe solteira de 3 filhos. Conta que teve a oportunidade de conhecer a sede da associação das quebradeiras de coco e ser uma associada através de sua mãe, que era associada a mais ou menos 15 anos. Com as dificuldades financeiras, dona “Nené”, como é chamada pelas quebradeiras de coco, sentiu a necessidade de fazer parte da associação, tendo como única fonte de renda a produção dos derivados do babaçu.

Em sua rotina de trabalho dona Nené não vai a zona rural catar o coco porque não tem com quem deixar as crianças. Por esse motivo, quando tem dinheiro compra o coco na mão das outras e mesmo quando não tem condições de comprar, a diretora da associação, Dona Aurea Maria e a Maria Lopes dona “Ló”, juntas dão a ela uma quantidade razoável de coco para ajudá-la. Nené conta que,

Acordo bem cedo, às 6 horas da manhã para ascender o fogareiro para fazer o café para meus filhos que vão à escola, aí começo a fazer as atividades domésticas e em seguida vou para sede fazer o azeite do coco babaçu para vender. É com esse dinheiro que compro a alimentação para meus filhos. Tem semana que consigo produzir até 10 litros de azeite e vender 1 litro a 13 reais, que em uma semana dá em média 130 reais. (DONA NENÉ, 2019)

Na fala de dona Nené ela diz que a atividade do coco babaçu é muito importante porque a ajuda a ter “dinheirinho” para comprar comida para a família.

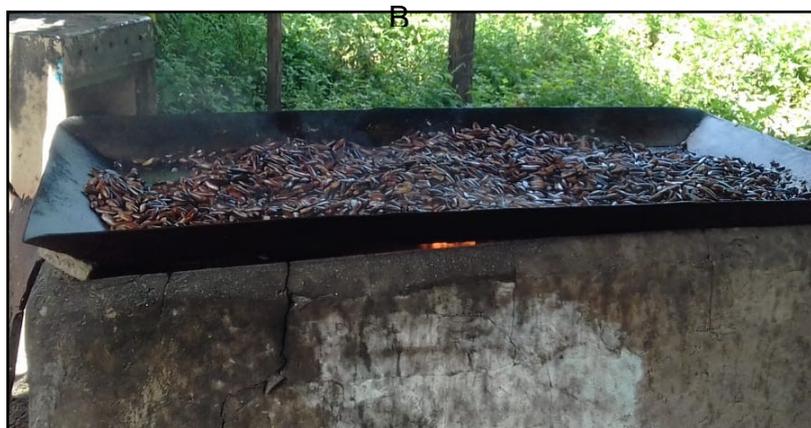
Nené está com 5 anos associada e sua função na sede é de torar o coco para fazer o azeite e ajudar a dona Ló e dona Áurea na limpeza da sede, como ilustram as figuras abaixo:

Figura 6: (A e B) extrativista do babaçu torando coco babaçu para fazer o azeite.



Arquivo pessoal (2019).

Fonte: Arquivo



Arquivo pessoal (2019).

Fonte:

Seguindo na descrição da rotina das quebradeiras de coco, dona Maria Lopes da Silva conhecida como dona Ló, de 72 anos de idade, estudou até a 1ª série do ensino fundamental, casada mãe de um filho, aposentada, veio para cidade de Codó em 1999. Dona Ló não pratica mais a atividade da quebra do coco, ela fica responsável pela sede, participa de encontros relacionados às quebradeiras do coco babaçu, como feira realizada em São Luís, que é promovido pelo MIQCB.

Eu não vou mais ao mato quebra coco, a minha idade não dar mais tem dois anos que eu não quebrou coco, quando eu quebrava era de 6 a 7kg, algumas vezes no verão cheguei a quebrar até 9kg, mais as minha companheiras vão quase todos os dias, elas pegam o carro as 7 horas da manhã e retornam as 17 horas, o coco que elas coleta no mato elas trazem pra sede para nós fazemos os produtos e as vezes eu compro o coco na mão delas pra ajudar na renda lá de casa, a gente faz o azeite vende de 10 a 12 reais, também vedemos o coco na feira na latinha que custa 2 reais, já chegamos vender até 3 reais na semana santa, 3 latas de coco dá até 1kg de coco babaçu. A sede na pessoa da presidente dona Áurea e da dona Ló Compram o coco na mão das mulheres quebradeiras do coco babaçu que moram na zona rural ou até mesmo de outras quebradeiras que moram em outras cidades vizinhas, elas compram de 60kg e no verão chega a comprar até 100kg de coco período em que a safra é melhor. (DONA LÓ, 2019).

A fala de dona Ló também ressalta a participação nas feiras de bairro, com barracas vendendo os produtos, sendo o azeite o que mais vende, já o sabão observa que não tem muita saída aqui em Codó, pois julga que às pessoas não valorizam os produtos feitos na cidade. Quanto ao azeite é vendido de 10 a 12 reais, na rotina que descreve abaixo:

Agente compra o coco, depois fazemos os produtos e vendemos, com o dinheiro da venda pagamos a água e luz da sede, o que sobra nós dividimos com as mulheres que estão presente trabalhando com agente na sede. Quando a gente tem muito coco fazemos muitos produtos como o azeite é o mais vendido melhor porque o dinheiro é mais, dá pra nós guardar um pouquinho pra comprar mais coco e quando a gente tem pouco dinheiro não dar pra guardar agente gasta logo tudo o que tem. A necessidade é grande e esse dinheirinho mesmo pouco mais servi, eu sou aposentada, mais o dinheiro não dá pra resolver todas as coisas, esses produtos já é uma ajuda, porque com a venda dos produtos eu compro um açúcar, um café alguma coisa pra comer em casa.(DONA LÓ, 2019).

Também em Codó a rotina diária de uma quebradeira de coco babaçu inicia logo nas primeiras horas do dia e termina no fim da tarde, todavia, esta atividade não se resume apenas na extração do babaçu, pois a luta destas mulheres se estende também aos seus lares. São reconhecidas publicamente por serem “mulheres guerreiras”, que se organizam em associação de mulheres, em clubes, com o apoio de instituições sociais para conseguir o acesso às terras e conseqüentemente os babaçuais, essa rotina das extrativistas já foi objeto de vários estudos, entre os quais ainda posso destacar:

A atividade extrativista inicia-se na mata dos babaçuais, floresta secundaria, cujo surgimento decorre do processo de devastação, das florestas primarias amazônicas, o que não significa que os babaçuais sejam menos equilibrados ecologicamente. O extrativismo é realizado em área de reserva extrativista ou em propriedades particulares. Em seguida, o coco é trazido para um galpão comunitário ou para pequenos armazéns no quintal de casa, onde o

coco vai ser quebrado pelas mulheres. Por fim, o azeite é preparado com as amêndoas do babaçu. As mais jovens coletam o babaçu na floresta, algumas mulheres quebram o coco e outras fazem o azeite. (HAGINO, 2007, não paginado).

Embora o extrativismo do babaçu seja uma atividade desenvolvida majoritariamente por mulheres é comum encontrar homens que trabalham tanto na coleta do coco na floresta como na produção do artesanato. Em uma visita de campo na comunidade Monte Cristo no ano de 2018 encontrei o senhor José Maximiano que reside no povoado Santa Maria. Ele trabalha diariamente com a palha da palmeira do coco babaçu, produzindo vários utensílios como o côfo, esteiras, panacum e o mais conhecido o abano, que serve para ajudar a ascender ou avivar fogo no fogão a lenha. O panacum é uma peça artesanal feita da palha murcha da palmeira do babaçu, um tipo de cesto grande ou pequeno que serve para colocar dentro o próprio coco babaçu. Segundo o seu José o panacum é uma peça difícil de fazer e ele consegue produzir três por dia. Seu José diz que tem o prazer em fazer esses produtos artesanais da palha do babaçu e também gosta de ensinar as pessoas que lhe pedem ajuda, diz ele que,

[...] sempre que saio para vender o meu material na cidade de Codó, ou mesmo em outras comunidades perto de onde moro, faço uma venda boa, mas nem sempre é assim, quando não consigo vender faço doação do material que produzo. (SEU JOSÉ, 2019).

Figura 7: Produtos artesanais feito de palha do coco babaçu



Fonte: Arquivo pessoal (2018)

Já o senhor Antônio José Barros Guimarães consegue produzir uma quantidade razoável de utensílios na semana, cerca de oito, pois são produtos artesanais, adquirindo renda semanal de 80 reais. Segundo o senhor Antônio ele não se dedica mais a produção deste material artesanal, porque tem que plantar a roça e cuidar, pois, somente a renda do babaçu não dá para sua sobrevivência e da família, é necessário plantar arroz, feijão, milho e legumes.

Mesmo os homens ocupando esse mercado são as mulheres que a preocupação de trazer todos os dias para casa não somente a renda, mas o alimento para os filhos. De acordo com o relato da Senhora Maria dos Santos ela sai todos os dias para trabalhar na roça e também a procura de palmeiras que tenham o coco babaçu para quebrar, quando ela encontra consegue quebrar na média de até 8 a 15 quilos de coco diário, cada quilo é vendido a dois reais, que equivale em média a uma renda mensal de duzentos e vinte reais.

De acordo com Silva (2016), a produção de uma mulher quebradeira gira em média de 8 kg de amêndoas durante um dia de trabalho, dependendo da habilidade poderá obter até 15 kg/dia. Levando em conta que uma mulher que trabalha exclusivamente na produção de amêndoas de babaçu, numa jornada semanal de até cinco dias, poderá conseguir em um mês um rendimento entre 160 e R\$ 450 reais.

Quadro1: Composição da renda/media das extrativistas do babaçu interlocutoras da pesquisa.

QUADRO DA COMPOSIÇÃO DA RENDA/MEDIA DAS EXTRATIVISTAS DO BABAÇU INTERLOCUTORAS DA PESQUISA			
Quebradeira do coco babaçu	Renda com o babaçu	Outra renda	Renda total mensal
Q1	150,00	R\$ 998,00 aposentada	R\$1148,00
Q2	200,00	R\$ 998,00 aposentada	R\$1198,00
Q3	400,00	R\$ 250,00 bolsa família	R\$650,00
Q4	150,00	R\$ 998,00 aposentada	R\$1148,00

Fonte: Arquivo pessoal (2019)

Se pensarmos apenas na dimensão econômica do que o extrativismo do babaçu pode oportunizar para as populações do campo, a exemplo das famílias do Bairro Codó Novo, será fácil perceber que, mesmo o trabalho sendo majoritariamente desenvolvido por mulheres, quando os homens aparecem na produção dos derivados do babaçu, especialmente o artesanato, será fácil concluir que há uma desvalorização monetária do trabalho da mulher, pois seus produtos, mesmo envolvendo uma carga de trabalho superior a do homem, são vendidos por um valor inferior aqueles que os homens fabricam. Porém, se considerarmos as outras dimensões da importância dessa atividade para a preservação do meio ambiente, para o resgate da cultura e do respeito aos saberes tradicionais, além das problematizações em torno da desigualdade nas relações do gênero, talvez, possamos tomar a consciência de que as atividades tradicionais de exploração do babaçu, desenvolvida pelas mulheres, não são passíveis de valoração apenas monetários.

De certa forma estas mulheres extrativistas do babaçu tem um perfil que traz consigo uma grande responsabilidade de manter a sua família, segundo Mesquita (2008), durante a safra do babaçu (setembro a fevereiro) é ela que, através da venda do babaçu consegue manter a subsistência da casa, já que a roça está em fase de preparação. Vale lembrar que a colheita do babaçu não é apenas durante o período de safra, pois aquilo que as quebradeiras chamam de “coco ruim” (coco que tem a amêndoa menor que o normal) não é colhido pelas quebradeiras durante o período da safra, este só é colhido depois do período chuvoso, pois o mesmo vai estar encharcado, aumentando assim consideravelmente sua produtividade, inviabilizando sua colheita. Embora essa renda não seja significativa (para os padrões da agricultura e do agronegócio comercial), ela é fundamental e às vezes a única fonte de renda com que essas mulheres podem contar com segurança. As outras fontes de renda que elas podem contar são os trabalhos temporários, domésticos, artesanal, que dependem de terceiros e são conjunturais. (HAGINO, 2007, não paginado).

Ressalte-se que as mulheres agroextrativistas, organizadas no Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu – MIQCB têm o apoio de ONGs, na realização de movimentos e encontros que chamam atenção dos governos e instituições públicas e privadas para as questões ambientais.

Para Mesquita (2008), a mulher agroextrativista vem se qualificando, se fortalecendo aos poucos, institucionalmente, com apoio importante de ONGs

(nacionais e internacionais) e até de governo estrangeiros, via cooperação internacional, a exemplo da Grã-Bretanha (Departamento Internacional de Fundos para o Desenvolvimento-DFID) e da União Europeia.

Com a extração do babaçu as mulheres também têm buscado preservar o meio ambiente, diminuído à devastação das matas dos cocais e conseqüentemente da palmeira do babaçu.

Mesquita (2015), diz que a luta das quebradeiras pelo plano relacionado à preservação ambiental, através do MIQCB, tem contra-atacado a política governamental voltada para a expansão da pecuária, das monoculturas e da produção de carvão vegetal (do coco babaçu), todas com impacto negativo sobre o tamanho da área de incidência do babaçu. Ao agir diretamente sobre o evento ou denunciando as ilegalidades vem diminuindo os riscos de sua própria sobrevivência.

Percebemos que as expectativas para o movimento variam de liderança para liderança, apesar de todas quererem o melhor para o movimento no futuro. As mulheres entrevistadas se mostraram fortes e independentes, o que nos leva a crer que sua participação no movimento contribuiu para o processo de empoderamento. Deixaram de ser submissa ao marido, a figura masculina. Passaram a acreditar em seus trabalhos e fizeram deles uma fonte de renda independente, refutando a ideia de que o trabalho da quebradeira de coco é um trabalho para complementar a renda familiar, para complementar o trabalho do homem. (SILVA, ARAÚJO, 2004, p. 90)

Podemos perceber na fala das mulheres entrevistadas que elas têm algo em comum que são a força de trabalho e o cuidado de preservar o local em que existam as palmeirais para que não ocorra desmatamento ou queimadas no ambiente florestal atingindo os babaçuais. As extrativistas demonstram força e perseverança no trabalho, como uma profissão digna de respeito assim como as demais profissões. Estas mulheres passam de mãe para filhas essas determinações assim como a autonomia nas relações familiares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o resultado deste estudo, sinto-me realizada quanto aos objetivos desta pesquisa, pois como pesquisadora e também como ser humano, me sinto parte deste grupo de mulheres empoderadas, que lutam contra uma sociedade ainda preconceituosa e historicamente patriarcal e conquistam direitos e visibilidade.

O trabalho das mulheres quebradeiras de coco babaçu da cidade de Codó MA, Bairro Codó Novo, mostra que as extrativistas estão sempre dispostas a lutar por melhores condições de vida, por um sustento familiar e por direitos de livre acesso aos babaçuais. Estas extrativistas enfrentam dificuldades diárias, mas com o apoio do MIQCB e com as manifestações nas ruas, em prol de reconhecimento e de igualdade, fazem valer as suas reivindicações diante das autoridades governamentais deste País.

O trabalho das mulheres, refletido nas diferentes atividades proporcionadas pelo grupo, não anseia apenas tirar “seu sustento”, com a venda do coco, do azeite, farinha e sabonete por elas produzido, mas vai muito além da atividade do extrativismo, pois este empoderamento, através da educação e conscientização das mulheres, tem reflexo em suas famílias e conseqüentemente na sociedade, rompendo com as barreiras do preconceito existentes entre essas mulheres e a comunidade. Percebemos o empoderamento dessas mulheres extrativistas quando encontramos nelas o orgulho do que fazem.

REFERENCIAS

ABREU, Eliana Moraes de. **O potencial do babaçu/** Sapiência Informativo Científico da FAPEPI, Teresina-PI, 2010.

AHLERT, Martina. **A GESTÃO DO IMPONDERÁVEL E A ESPERANÇA: NOTAS EXPLORATÓRIAS SOBRE CONHECIMENTO E ESCOLA ENTRE QUEBRADEIRAS DE COCO**, 2016.

Apresentação CIMQCB, **Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco-Babaçu**, 2012.

BARBIERI, A. L. C.. **As tendências ao desenvolvimento sustentável no manejo do babaçu pelas comunidades rurais do Estado do Maranhão./** Ana Linhares Cavalcante Barbieri, - Recife, 2004.

BARBOSA, Viviane de Oliveira. **MULHERES DO BABAÇU: Gênero, maternalismo e movimentos sociais no Maranhão**, Niterói 2013.

BARROS, Valderiza. **A CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO DAS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU: um estudo preliminar**, 2010.

BOLONHÊS, Alice Cristóforo; OLIVEIRAS, Pedro Sonogo de. **RELATÓRIO DE PESQUISA – PROJETO CONEXÃO LOCAL “Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco”**, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2013.

BONI, Valdete, QUARESMA, Sílvia Jurema - **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**, Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.

CARRAZZA, Luis Roberto; SILVA, Mariane Lima da; ÁVILA, João Carlos Cruz. **Manual Tecnológico de Aproveitamento Integral do Fruto do Babaçu**. Brasília – DF. Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN). Brasil, 2012.

CAMPUS CODÓ: **Projeto de extensão desenvolve curso para quebradeiras de coco**. Disponível em: <https://portal.ifma.edu.br/2010/07/21/campus-codo-projeto-de-extensao-desenvolve-curso-para-quebradeiras-de-coco/> acesso em: 10 de mai. de 2019.

FIGUEIREDO, Luciene Dias. **EMPATES NOS BABAÇUAIS. Do espaço doméstico ao espaço público - lutas de quebradeiras de coco babaçu no Maranhão** / Luciene Dias Figueiredo. – Belém, PA: UFPA – Centro Agropecuário: Embrapa Amazônia Oriental, 2005. Orientada pela Prof.^a Dr^a Maristela de Paula Andrade.

GOUVEIA, Vera Maria. **O mercado de amêndoas de babaçu no estado do Maranhão**. / Vera Maria Gouveia; orientador Humberto Angelo. - Brasília, 2015. xiv, 127 p.

HAGINO, Córa Hisae Monteiro da Silva. **QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU: IDENTIDADE, CONFLITO SÓCIO-AMBIENTAL E SUBSISTÊNCIA**, Niterói, 2007.

LIMA, Jascira da Silva. **IDENTIDADES E RELAÇÕES DO GÊNERO EM MOVIMENTOS NO TERRITÓRIO DOS COCAIS-PI**. SÃO LUÍS- MA 2016.

LUCENA, Josete Marinho de. **Uma palmeira em muitos termos: a terminologia da cultura agroextrativista, industrial e comercial do coco babaçu** / Josete Marinho de Lucena; Orientadora Maria do Socorro da Silva Aragão. - Fortaleza, CE, 2008.

MACHADO, Diego Renier da Luz Cantanhêde Cardoso. **A LEI DE PROTEÇÃO DO BABAÇU: a proteção da produção das quebradeiras de coco**, São Luís, 2015.

MAY, Peter Herman. **Palmeiras em chamas: transformações agrárias e justiça social na Zona do Babaçu**. São Luís: EMAPA/FINEP/ Fundação Ford, 1990.

MENDES, A. C. M.. **Reflexões e contribuições para a etnografia das práticas cotidianas de resistência das quebradeiras de coco babaçu de Codó**, São Luís MA, 2016.

MENDES, Maurício, Ferreira; NEVES, S. M. A. da Silva; NEVES, R. José. **A EXPERIÊNCIA DAS MULHERES EXTRATIVISTAS DO ASSENTAMENTO MARGARIDA ALVES EM MIRASSOL D'OESTE/MT**, V. 07, N. 01, 2014

MESQUITA, Benjamin Alvino de. **AS MULHERES AGROEXTRATIVISTAS DO BABAÇU: a pobreza a serviço da preservação do meio ambiente**. Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, 2008.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. **Babaçu: Attalea spp. MART.** / Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo. – Brasília: MAPA/ACS, 2012. 24p. (Série: **Boas práticas de manejo para o extrativismo sustentável orgânico**)

MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS. **Documento Tese do MMC**. Brasília, 2004

NASCIMENTO, Ubiraci Silva. **Carvão de Babaçu como Fonte Térmica para Sistema de Refrigeração por Absorção no Estado do Maranhão**. Campinas - SP Fevereiro/2004

NETO, Joaquim Shiraishi. **QUEBRADEIRAS DE COCO: “BABAÇU LIVRE” E RESERVAS EXTRATIVISTAS**, Veredas do Direito, Belo Horizonte, v.14 n.28 p.147-166 Janeiro/Abril de 2017.

NUNES SOUZA, Edinéia; NEVES, Ronaldo José; Arilson Hoffmann; LORENZON, Thiziane Helen; SILVA, Marcela de Almeida. **O extrativismo do babaçu (Orbignya speciosa) como fonte alternativa de renda para os agricultores do assentamento Antônio Conselheiro – MT, Brasil**. Resumos do IX Congresso Brasileiro de Agroecologia – Belém/PA. Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 – Vol. 10, Nº 3 de 2015.

PEQUENOS PROJETOS ECOSSOCIAIS DE QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU: **reflexões e aprendizados** / Elisa Marie Sette Silva, Juliana Elisa Napolitano, Silvana Bastos (organizadoras) - Brasília: ISPN, 2016. 116 p.

PEREIRA, Marielle Rodrigues. **Caminhos para proteção dos babaçuais e dos seus detentores culturais**. Universidade Federal do Tocantins (UFT), Palmas, Tocantins, Brasil, Revista CPC, São Paulo, n.19, p. 33-48, jun. 2015.

PIRES, Amanda Sampaio; OMENA, Sérgio Henrique Sorocaba Ayoub. **QUEBRADEIRAS DE COCO: UMA LUTA PELA AUTONOMIA ATRAVÉS DO LIVRE ACESSO AOS BABAÇUAIS**. REVISTA DO CEDS Periódico do Centro de Estudos em Desenvolvimento Sustentável da UNDB N. 2 – Volume 1 – março/julho 2015 – Semestral Disponível em: <http://www.undb.edu.br/ceds/revistadoceds>.

RIBEIRO, Leandro Nieves. **Por uma rebeldia mundial? Formação e ação territorial da Via Campesina no Brasil** / Leandro Nieves Ribeiro. - Presidente Prudente: [s.n], 2016.

SABBATO, Alberto de. **Estatísticas rurais e a economia feminista: um olhar sobre o trabalho das mulheres**; organização de Andrea Butto. – Brasília: MDA, 2009. 168p.

SARAIVA, A. F. da Silva; OLIVEIRA, N. M. de; Filho, M. X. Pedroza; Lopes, W. Saraiva. **CADEIA PRODUTIVA DO BABAÇU EM CIDELÂNDIA-MA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA ABORDAGEM DE CADEIA GLOBAL DE VALOR**. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional G&DR. V. 15, N. 2, Edição Especial, P. 13-23, mar/2019. Taubaté, SP, Brasil –

SILVA Estanislau, Cordeiro da. **QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU DO MIQCB – REGIONAL PARÁ: Práticas culturais e aspectos socioeconômicos**, Marabá – PA, 2016

SILVA Leididaina, Araújo e. **Movimento interestadual das quebradeiras de coco babaçu: mulheres, trabalho e informação** / Leididaina Araújo e Silva. – Dissertação de mestrado, Rio de Janeiro, Dezembro, 2014. 102 f.: il.; 30 cm.

SILVA, Miguel Henrique P. e; ARAÚJO, Helciane. **Agro extrativismo: uma alternativa sustentável para a produção familiar na região dos babaçuais** - Agriculturas - v. 1 - no 1 - novembro de 2004

SILVEIRA, Theciane Silva. **MARANHÃO, TERRA DAS PALMEIRAS: UM ESTUDO DA SINONÍMIA NA TERMINOLOGIA DO BABAÇU**/ Theciane Silva Silveira.- São Luís, 2017..

VALE, Scheila Regina Gomes Alves. **Avaliação do perfil das quebradeiras de coco babaçu e de suas condições de trabalho no município de Itapecuru-Mirim/MA** / Scheila Regina Gomes Alves Vale. — Rio de Janeiro, 2015.

APÊNDICES

Apêndice A

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO/ CAMPUS CODÓ-MA
CURSO LICENCIATURA EM CIENCIAS HUMANAS- HISTORIA

MONOGRAFIA: 2017- 2019

TITULO: EXTRATIVISMO DO BABAÇU: trabalho, renda e inclusão social para as mulheres quebradeiras de coco babaçu, em Codó-MA.

ORIENTADORA: Jascira da Silva Lima

ORIENTANDA: Valdiane da Cruz Oliveira/Matricula: 2013032319

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DAS QUEBRADEIRAS DE COCO

Nome:	
Data de Nascimento/Idade:	
Escolaridade:	
Endereço (complemento):	
Cargo/ Função:	

Apêndice B

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO/ CAMPUS CODÓ-MA
CURSO LICENCIATURA EM CIENCIAS HUMANAS- HISTORIA

MONOGRAFIA: 2017- 2019

TITULO: EXTRATIVISMO DO BABAÇU: trabalho, renda e inclusão social para as mulheres quebradeiras de coco babaçu, em Codó-MA.

ORIENTADORA: Jascira da Silva Lima

ORIENTANDA: Valdiane da Cruz Oliveira/Matricula: 2013032319

Roteiro de Entrevista

Dados coletados para a elaboração deste estudo monográfico para melhor desenvolvimento desta pesquisa.

1- Qual o seu nome?

2- Você é casada?

3- Você tem filhos, quantos tem?

4- Qual a sua idade?

5- Você é natural de Codó?

6- Qual o grau de estudo?

7- Qual a sua função na sede?

8- Qual o seu endereço?

9- Quantos anos você é associada?

10- Quando iniciou a atividade da quebra do coco, o seu primeiro contato?

11-Você é aposentada ou sobrevive apenas da extração do coco?

12-Quanto você ganha com a quebra do coco babaçu?

13-Quais os produtos do babaçu são produzidos na sede?

14-Você consegue vender todos os produtos feitos do babaçu?

15-Quanto custa o azeite?

16-Hoje quantos quilos de coco vocês conseguem quebra?

17-O que o MIQCB representa para as quebradeiras do coco babaçu?

18-Já participou de alguma oficina/formação do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB)